



miguilim

VOLUME 13, NÚMERO 2 | MAIO-AGO 2024

A DISTOPIA INUMANA DE KAZUO ISHIGURO



KAZUO ISHIGURO'S INHUMAN DYSTOPIA

Ermelinda Maria Araújo FERREIRA
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AUTORIA
RECEBIDO EM 23/11/2023 • APROVADO EM 18/07/2024
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v13i2.1385>

Resumo

A escuta na área da saúde é imprescindível. A anamnese ou a “história do paciente”, fundamental na propedêutica médica, consiste numa entrevista do profissional de saúde destinada a obter do sujeito em sofrimento elementos importantes para o diagnóstico. Trata-se de um texto biográfico breve e pragmático, muitas vezes convertido num questionário padronizado, mas que não escapa a um grau de elaboração interpretativa por parte do entrevistador. Isto reflete a tendência à mecanização do atendimento de saúde, onde o distanciando dos agentes envolvidos na consulta compromete a possibilidade de um diálogo genuíno entre eles, podendo levar a um desequilíbrio de poder, com o predomínio do mais aparelhado sobre o mais vulnerável. Em situações extremas, esta assimetria pode conduzir a mecanismos de desumanização, como aquele denunciado no romance de ficção científica *Não me abandone jamais*, de Kazuo Ishiguro, onde a narrativa intimista de uma cuidadora num ambiente hospitalar torna-se um comovente e inadvertido documento de denúncia da submissão e do silêncio dos sujeitos ditos “pacientes”, ou seja, em condição de fragilidade e destituídos de voz. Neste artigo, utilizamos os referenciais da bioética (Chambers, Charon, Frank, Hayles) para discutir o recorte da Medicina narrativa nesta história que se alinha com o gênero da Ficção científica ao problematizar, especulativamente, o tema da clonagem humana.

Abstract

Listening in the healthcare sector is essential. Anamnesis or the “patient's story”, fundamental in medical work-up, consists of an interview with a health professional designed to obtain important elements for the diagnosis from the suffering subject. It is a brief and pragmatic biographical text, often converted into a standardized questionnaire, but which does not escape a degree of interpretative elaboration on the part of the interviewer. This reflects the trend towards mechanization of health care, where the distancing of the agents involved in the consultation compromises the possibility of a genuine dialogue between them, which can lead to an imbalance of power, with the predominance of the best equipped over the most vulnerable. In extreme situations, this asymmetry can lead to mechanisms of dehumanization, such as that denounced in the science fiction novel *Never let me go*, by Kazuo Ishiguro, where the intimate narrative of a caregiver in a hospital environment becomes a moving and inadvertent document of denunciation of the submission and silence of the subjects called “patients”, that is, in a fragile condition and without a voice. In this article, we use bioethics references (Chambers, Charon, Frank, Hayles) to discuss the narrative Medicine approach in this story, which aligns with the Science Fiction genre by speculatively problematizing the theme of human cloning.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Kazuo Ishiguro. *Não me abandone jamais*. Escrita confessional. Bioética. Ficção científica.

Keywords: Kazuo Ishiguro. *Never let me go*. Confessional writing. Bioethics. Science fiction.

Texto integral

Os problemas éticos suscitados hoje pelas investigações em biotecnologias, pela obstinação terapêutica ou pela eutanásia, são as ilustrações mais proeminentes dessa aposta médica feita sobre o corpo humano mais do que sobre o sujeito.

David le Breton. *Antropologia do corpo e modernidade*

Os estados definidos como apatia, anestesia moral ou emocional, são repletos de sentimentos: raiva e frustração. A violência transforma em coisa toda pessoa sujeita a ela.

Susan Sontag. *Diante da dor dos outros*

A ironia é típica da escrita sóbria e cortês de Kasuo Ishiguro, escritor nipo-britânico, prêmio Nobel de Literatura em 2017, que muito deve à mistura de sua origem japonesa e de uma sólida formação britânica - culturas onde a rigidez comportamental encontra vazão literária no exercício do distanciamento ou da dissimulação - de onde procedem os efeitos desta figura de linguagem, que podem

ir de um mero gracejo ao mais cáustico sarcasmo. Mas a ironia também parece guardar um efeito de revelação do silenciado, onde aquilo que não pode ser dito por aqueles que não podem falar ecoa em reverso.

O romance *Não me abandone jamais* (*Never let me go*), de 2005, objeto desta análise, talvez seja a mais bem sucedida tentativa de expressar o indizível na literatura de Ishiguro. Nele mesclam-se aspectos dos romances de sua trilogia inicial, de contenção dos sentimentos e percepções diante de cenários opressivos ou aterradores, a um enredo surpreendente, que põe em cena aspectos bioéticos da medicina. Famoso pelo estilo elegantemente contido de sua narrativa, na qual conteúdos criticamente explosivos - seja sobre a transformação social do Japão após a segunda guerra mundial, tema que lhe toca pessoalmente por ser nativo de Nagasaki; seja sobre a transformação social do Ocidente na pós-modernidade, tema que também lhe é caro por ser um cidadão europeu, criado e educado na Inglaterra, falante e escritor de língua inglesa - evidenciam os conflitos e contradições de sua existência no entrelugar de uma obra complexa, caracterizada pela pesquisadora Rafaela Rogério Cruz como portadora de uma “tensão superficial”, que se estruturaria sobre a “negação da histeria” e a “suspensão da catarse”. Em sua tese, ela esclarece:

O importante no processo de negação da histeria é, na verdade, a suspensão do método catártico, i.e., da necessidade e da possibilidade de cura através do extravasamento de emoções, pois no tanto que a gravidade da situação traumática nunca é aliviada surge um estranhamento, um desconforto na leitura. Por exemplo, frente ao conteúdo narrado pelas vozes femininas em *Não me abandone jamais*, a histeria como quadro patológico seria não apenas esperada, mas principalmente vista como legítima. ... Além disso, porque não há purgação, não há momento de catarse, esse terror nunca se dissipa, nunca perde a potência, nunca é apaziguado, domesticado, exorcizado. (Cruz, 2019, p. 177)

A “reação histórica” provavelmente esperada pelos leitores da história da cuidadora hospitalar Kathy H., de 31 anos, protagonista do romance *Não me abandone jamais*, é uma expectativa legítima diante da indignação que provocam os horrores e injustiças narrados em seu diário, apesar do enredo recorrer ao gênero ficção científica, incomum na longa produção deste autor até então predominantemente histórica.¹ Trata-se de uma fábula de ressonância pós-humanista, que utiliza o tema da clonagem humana para abordar o problema identitário dos povos face aos mecanismos de sujeição impostos pelas culturas de domínio imperialista. Essa abordagem, contudo, é denunciada apenas tangencialmente na obra; a saber, por exemplo, quando os clones descobrem que

¹ Essa vertente se repete no oitavo romance de Ishiguro, *Klara e o sol* (*Klara and the sun*) (2021). A obra é situada nos Estados Unidos num futuro inespecífico. Klara é um androide. Ela e seus pares são vendidos em lojas como acompanhantes para crianças e adolescentes que vivem em constante isolamento. Em ambos os romances, percebe-se a tendência de dotar os clones e os andróides, respectivamente, de características de empatia e solidariedade já provavelmente desconhecidas de muitos humanos no século XXI.

seus “originais” são as figuras marginalizadas de nosso inconsciente coletivo: “Somos modelados a partir do lixo. Viciados, prostitutas, bêbados, vagabundos. Condenados, talvez, desde que não sejam psicopatas. É disso que viemos” (“*We’re modeled from trash. Junkies, prostitutes, winos, tramps. Convicts, maybe, just so long as they aren’t psychos. That’s what we come from*” (Ishiguro, 2005, p. 166).

O discernimento de suas origens pelas personagens vítimas do sistema autocrático na distopia de Ishiguro é dificultado pelo fato de serem concebidas como objetos, seres utilitários moldados pela técnica. Tratam-se de clones, condenados à prisão corporal e reduzidos a uma categoria inferior a serviço das necessidades “humanas”. Ampliada, na compreensão do leitor, para abranger os relegados, abatidos e proscritos oriundos de qualquer tempo e espaço, a categoria adquire na narrativa uma qualidade específica: a da abjeção. Segundo Le Breton:

A clonagem leva às últimas consequências a lógica do corpo *alter ego*, que refere o sujeito às suas meras características genéticas. A clonagem é uma versão moderna do imaginário do duplo. É a célula, espelho em devir do doador. Em certo imaginário biológico o sujeito é apenas o epifenômeno, o simulacro de seu corpo. O homem torna-se sua própria prótese, ele pode sonhar com sua capilarização ao infinito. A reprodução humana por clonagem é um procedimento técnico que também repousa sobre a ocultação do corpo e, notadamente, da sexualidade. Os riscos do encontro sexual entre o homem e a mulher são suprimidos. Reprodução limpa, em laboratório e proveta, efeito de uma maestria. (Le Breton, 2003, p. 386)

Coabitantes do mesmo espaço e produzidos *in vitro* a partir da mesma informação genética, essas criaturas desumanizadas tornam-se, no enredo, habitantes socialmente invisíveis e intocáveis em fazendas de doadores distribuídas às margens das cidades, mantidas pelo sistema dominante com esse único objetivo - fornecer seus órgãos aos seus criadores, sem opção, até a morte. Parte do horror do enredo reside em saber que a invasão, o retalhamento e a partilha desses corpos, para não mencionar a sua reprodução tecnológica e massificada, é realizada assepticamente em ambientes hospitalares tradicionais, por equipes médicas especializadas, cuja nobre atividade ligada ao transplante transforma-se, no texto de Ishiguro, numa sórdida simbiose alegórica de matadouro e açougue, a reboque da qual se estrutura uma avassaladora crítica ao cientificismo pragmático da tradição iluminista, base da abordagem mecanicista e materialista da biotecnologia contemporânea.

Em nenhum momento da história, a classe médica julga necessário se dirigir a um clone/doador como um ser senciente. Todas as intervenções são feitas sem trocas pessoais ou dialógicas entre os “humanos” e os “inumanos”, como se estes já estivessem mortos. Para garantir a mais-valia de seus corpos, porém, os médicos curiosamente entendem ser preciso manter alguns indivíduos clonados como acompanhantes de seus pares ao longo das três ou quatro intervenções que cada um deles suporta antes da falência absoluta de seus organismos. Esses acompanhantes - que posteriormente também são encaminhados às doações - exercem um papel *afetivo* de ouvintes desses jovens seres em sofrimento,

enquanto eles ficam cegos, trôpegos, com limitações fisiológicas pela doação renal, hepática ou pulmonar, até serem “finalizados”. São eles que precisam lidar com os medos, as angústias, as dores, o desespero dessas criaturas. Tais sentimentos efetivamente existem e causam distúrbios que acabam afetando a saúde de seus corpos, apesar da concepção científica dominante, e conveniente, de que os clones não são “pessoas” e, portanto, não têm “almas”.

A temática de Ishiguro recorre em certa medida à noção do “hipercorpo” decorrente da virtualização da experiência humana no mundo contemporâneo. Como diz Pierre Lévy, “os transplantes criam uma grande circulação de órgãos entre os corpos humanos, de um indivíduo a outro, mas também entre os mortos e os vivos”:

Os olhos (as córneas), o esperma, os óvulos, os embriões e sobretudo o sangue são agora socializados, mutualizados e preservados em bancos especiais. Um sangue desterritorializado corre de corpo em corpo através de uma enorme rede internacional da qual não se pode mais distinguir os componentes econômicos, tecnológicos e médicos. O fluido vermelho da vida irriga um corpo coletivo, sem forma, disperso. A carne e o sangue, postos em comum, deixam a intimidade subjetiva, passam ao exterior. Mas essa carne pública retorna ao indivíduo transplantado, ao beneficiário de uma transfusão, ao consumidor de hormônios. O corpo coletivo acaba por modificar a carne primária. Às vezes ressuscita-a ou fecunda-a *in vitro*. A constituição de um corpo coletivo e a participação dos indivíduos nessa comunidade física serviu-se por muito tempo de mediações puramente simbólicas ou religiosas: “Isto é meu corpo, isto é meu sangue”. Hoje ela recorre a meios técnicos. (Lévy, 1996, p. 30)

Na prática, este “hipercorpo” não parece funcionar idealmente, quando sabemos como a economia e a ciência exploram suas unidades ao tomá-las numa lógica pura de mercado. A colonização moderna do corpo parece ser de outra modalidade: uma colonização pelo objeto, onde o que predomina é a servidão voluntária do sujeito. A servidão moderna difere da servidão colonial, baseada na exploração da força do trabalho escravo. Modernamente, altera-se a própria noção de corpo unitário, na medida em que este passa a ser a sede de um novo mercado onde seus órgãos internos podem ser objetos intercambiáveis e de consumo. A instrumentalização do laço social está na base das formas de violência oriundas dessa posição de comando que o objeto ocupa na cultura atual.

Não surpreendem, pois, neste romance, os fortes ecos da famosa distopia do inglês Aldous Huxley, *Admirável mundo novo* (1932), em sua apologia ufanista ao Fordismo, premonitória das distorções hierárquicas que adviriam da manipulação genética e das intervenções no mecanismo da fecundação natural destinadas à coisificação dos seres:

O Processo Bokanovsky é um dos principais instrumentos da estabilidade social. Homens e mulheres padronizados, em grupos uniformes. Noventa e seis gêmeos idênticos fazendo funcionar noventa e seis máquinas idênticas! Nós também predestinamos e

condicionamos. Decantamos nossos bebês sob a forma de seres vivos socializados, sob a forma de Alfas ou de Épsilons, de futuros carregadores ou de futuros - ia dizer “futuros Administradores Mundiais”, mas, corrigindo-se, completou: - futuros Diretores de Incubação. (Huxley, 2014, p. 17)

Contrariando a ideia do clone como objeto, porém, a história de Ishiguro transforma-se no relato confessional de um deles, a jovem Kathy H. Redigida em primeira pessoa como um livro de memórias, a narrativa se inaugura no momento crucial em que a personagem chega ao limite de sua experiência de doze anos oferecendo apoio psicológico aos clones, sabendo que em breve será convocada a doar os seus órgãos. Assim, a narrativa começa no momento em que a protagonista assinala como o fim de sua vida, desenrolando-se a história em retrospectiva no tempo de suas reminiscências.

Escrito no idioma e no estilo do colonizador como um clássico romance de formação inglês, o relato é situado num grande colégio interno, ambientado como uma instituição dos anos 1950 ou 1960, que se torna o *locus* central do enredo. Organizado, porém, por intelectuais dissidentes de fins do século XX (a história, de fato, se passa nos anos 1990), o “colégio” seria, na verdade, apenas o cenário *fake* do laboratório de um experimento sociológico que pesquisava a hipótese da eventual “humanidade” dos seres clonados destinados ao expurgo. Investigava-se, através da capacidade de produção literária e plástica dos clones, estimulados desde a tenra infância, a existência de indicativos de hipotéticas qualidades “humanistas” ligadas aos afetos e à produção artística, que tornassem questionável, ou eticamente condenável, a sua criação *in vitro* com o objetivo único da utilização de seus corpos para transplantes.

Do ponto de vista estético, a organização da trama recorre a uma crescente tensão que seria propiciadora do efeito catártico previsto para a narrativa dramática, fosse ele produzido por uma insubordinação individual da vítima, fosse por uma revolta coletiva dos clones. Surpreende, porém, que neste limite, quando a reação libertária e purgativa deveria ocorrer, provocada pelo terror e abandono da narradora e de seus iguais, o romance se apresente em suspensão. Kathy H., assim como todos os clones, não reage. Sua fala é horizontal e monocórdica, recapitulando, como numa narrativa em terceira pessoa da qual não participasse, a sua existência escolar no asilo modelo de Hailsham para clonados, evocando sempre o tema de sua paixão de adolescência pelo colega Tommy, e a formação de um triângulo amoroso com sua melhor amiga Ruth, que lhe rouba o namorado.

Consciente, porém indiferente ao destino que lhe cabe, alienada de qualquer perspectiva de futuro pela total aceitação da tragédia, ela se prende ao breve passado onde teria vivido, ironicamente, um intenso romance proibido nos moldes dos grandes romances humanistas da classe dominante, cuja característica mais marcante é a doação. Pois, desde o início, Kathy H. renuncia ao desejo, à felicidade e a si mesma, liberando, por amor a Ruth, o seu amado Tommy; e acompanhando a ambos, solidariamente, no sofrimento de suas vidas de doadores de órgãos até o fim. O que poderia, eventualmente, ser compreendido como uma confirmação da natureza robótica e inumana dos clones, alheios aos seus destinos e, portanto, não responsivos, é frontalmente questionado, na medida em que o leitor se dá conta da delicadeza, sensibilidade e empatia da autora, perceptíveis no corpo de seu texto.

A natureza anímica de Kathy H. é, portanto, descrita como não exatamente humana, mas num sentido diferente do robótico. Através da escuta de seu texto, ela nos aparece como uma criatura excêntrica e sobre-humana, não só pela serenidade com que se submete ao monstruoso fado que lhe foi traçado, mas pela afirmação espontânea de uma legitimidade humanista radical que beira a santidade, funcionando o seu livro como uma espécie de hagiografia escatológica: a história de uma cópia que se identifica mais proximamente com a projeção idealizada do original do que com a sua degradante realidade.

A frustração do efeito catártico no leitor, porém, não acompanha a sujeição altruísta ou negacionista da personagem, criando uma tensão na narrativa que não se resolve e espraia-se para muito além do final da leitura. Não há o efeito terapêutico do alívio ou da “cura”. O incômodo deixado pelos romances de Ishiguro tem muito dessa rigidez ou retesamento do espírito que se revolta frente aos acontecimentos narrados, experimentando o aprisionamento da derrota inevitável e o esmagamento da condição irrevogável do vencido. São histórias que deslocam o leitor, portanto, e inexoravelmente, para o lugar de uma alteridade radical, fazendo-o vivenciar, à sua revelia, o que é ser e sentir como um “outro”. Esse “outro”, na obra de Ishiguro, vai desde o obviamente ficcional, ou seja, os personagens concebidos nesta história como produtos da manipulação genética; até o “outro” alegórico que eles eventualmente convocam a uma encarnação simbólica num amplo espectro - os estrangeiros, os imigrantes, os refugiados, os representantes das minorias de gênero, étnicas e econômicas, os habitantes das periferias, os despojados dos impérios, os eternamente desatualizados em relação à modernidade, os “pacientes” internados em instituições.

Esse “outro” clonado, num romance significativamente intitulado *Não me abandone jamais*, parece, portanto, guardar a potência de identificar uma infinidade de sujeitos reais em condições de opressão, advindos seja dos hibridismos (desde a mestiçagem racial até as contaminações culturais, ideológicas e simbólicas cada vez mais presentes num contexto globalizado); seja das arbitrariedades sociais, políticas e econômicas dos sistemas viciados e de suas insalubres ordenações. O texto de Ishiguro, ao se construir na forma de um relato pessoal e confessional de uma vítima de múltiplos traumas, parece agir insidiosamente por uma “literatura menor”, tal como a entendem Gilles Deleuze e Félix Guattari:

Quantos é que vivem hoje numa língua que não é a sua? Ou então nem sequer a sua conhecem, ou ainda não a conhecem, e conhecem mal a língua maior que são obrigados a utilizar? Problema dos imigrantes e dos filhos deles. Problema das minorias. Problema de uma literatura menor, mas também de nós todos: como é que se extrai da sua própria língua uma literatura menor, capaz de pensar a linguagem e fazê-la tecer conforme uma linha revolucionária sóbria? (Deleuze e Guattari, 2014, p. 86)

Esses autores analisam como o século XIX foi atravessado por essa busca do humano inominável, regicida e parricida, que viria a se constituir no humano esmagado e mecanizado das grandes metrópoles, eternamente condenado à ficção de sua futura redenção. No século XX, e ainda mais no XXI, esse humano cede

espaço no imaginário ao duplo, andróide ou cyborg, misto de humano e máquina, algo e vítima de si mesmo, que Ishiguro consegue traduzir com perspicácia na figura do *clone*: um ser biológico sujeito a uma reprodução tecnológica e a uma destinação simultaneamente salvacionista e apocalíptica da espécie.

Neste universo, porém, a produção de seres considerados não-humanos a partir de células humanas não é pacificamente admitida ou incorporada por todos, apesar da conveniência e dos benefícios do fornecimento ilimitado de órgãos à sociedade. Experimentos sociológicos são criados para contestar cientificamente a premissa da desumanização dos clones, como acontece com a escola modelo Hailsham, um espaço que descobrimos ser diferenciado dos demais na criação desses seres. Lamentavelmente, a investigação humanística se escora em princípios frágeis, tão contestáveis quanto as premissas médicas que viabilizaram a clonagem reprodutiva com objetivos terapêuticos.

No caso, a busca do que é “humano” apoia-se na tentativa de provar a capacidade intelectual e afetiva dos clones, através da produção de documentos como obras de arte, literatura e pintura. Como diz Miss Emily, uma das diretoras: “Mais importante ainda, demonstramos ao mundo que se os estudantes fossem criados em ambientes humanos e cultivados, seria possível que se tornassem tão sensíveis e inteligentes como qualquer ser humano comum. Antes disso, todos os clones – ou estudantes, como preferíamos chamá-los – existiam apenas para suprir a ciência médica. Objetos sombrios em tubos de ensaio” (*“Most importantly, we demonstrated to the world that if students were reared in humane, cultivated environments, it was possible for them to grow to be as sensitive and intelligent as any ordinary human being. Before that, all clones - or students as we preferred to call you - existed only to supply medical science. Shadowy objects in test tubes”*) (Ishiguro, 2009, p. 261).

Entende-se, portanto, que os tutores liberais investiram na educação cultural dos clones não apenas com o objetivo de manter sua condição de saúde em função dos objetivos traçados para suas existências, mas sobretudo num esforço de contestar o *status quo* e estabelecer que valia a pena salvar suas vidas. Trabalhando contra a excessiva racionalização da ciência, os responsáveis por essas escolas atribuíam à criatividade dos alunos a verdadeira medida de sua humanidade. Assim, eles estimulavam sua produção e recolhiam periodicamente os resultados: “Tiramos sua arte porque pensamos que isso iria revelar suas almas” (*“We took away your art because we thought it would reveal your souls”*), informa Miss Emily à Kathy, corrigindo: “Ou, para ser mais precisa, fizemos isso para provar que vocês de fato tinham almas” (*“Or to put it more finely, we did it to prove you had souls at all”*) (Ishiguro, 2009, p. 260).

Enquanto focavam em suas limitadas premissas, esses pesquisadores não se davam conta dos dramas existenciais profundamente humanos que se desenrolavam diante de seus olhos, e que Ishiguro exhibe no centro do palco. Entre eles, o desespero de Tommy por não revelar talento para a poesia ou o desenho artístico, embora seu grande talento para o esporte fosse desconsiderado e desprezado. O sonho da menina de embalar um bebê nos braços, sem saber que nascera estéril. O cruel procedimento de Ruth, que seduz Tommy ao perceber que a paixão de Kathy por ele era correspondida; e sua tentativa, já à beira da morte, de corrigir o seu erro, confessando à amiga o seu medo de ficar só. O drama do



alijamento da verdade sobre suas origens e seus destinos, sequestrada pelos mentores dessas crianças, que é denunciado por uma professora sumariamente expulsa da escola. E, sobretudo, o papel missionário dos “cuidadores”, a quem cabe o devastador acompanhamento da expoliação física e mental de seus iguais, numa tortura inimaginável que os leva a atingir a condição mística própria de todos os mártires da história da humanidade.

Hailsham é uma instituição falhada, como falhas são as tentativas de classificar e estereotipar a vida, como explicará mais tarde a diretora ao jovem casal de clones Kathy e Tommy, que a procura em busca de respostas para a suposição, difundida entre os seus pares, de que casais de amantes que provassem ser capazes de sentimentos profundos poderiam obter um adiamento de suas hediondas sentenças de retalhamento físico e mortes dolorosas. Ali eles se deparam com a angustiante provação que orienta essa terrível distopia kafkiana - perceber que não há escapatória possível para os seus destinos predeterminados.

Assim, a abordagem retrofuturista de Ishiguro não se situa apenas na decoração *vintage* dos cenários, indumentária e objetos do seu romance, além da trilha sonora saudosista; mas no fato de criar uma realidade paralela especulativa através de uma ficção intimista, na qual o leitor tem a oportunidade de criar empatia com um ser absolutamente segregado e silenciado em seu contexto opressor, *escutando* intuitivamente a sua verdade, que ecoa apenas nas entrelinhas do seu texto. Projetada retrospectivamente como um futuro virtual, ou como a efetivação de uma possibilidade futura apenas inaugurada, no plano do real, pela clonagem da ovelha Dolly em 1996, o autor também recria o presente de sua escrita ao estabelecer laços entre a extrema desvalorização humana de um grupo social naquele universo fictício, e a situação efetiva de grupos sociais degradados e excluídos na atualidade.

Observa-se, por exemplo, que a releitura do livro pelo *design* das capas em suas diversas edições – e, posteriormente, pela sua adaptação cinematográfica – parece favorecer o estabelecimento desta “empatia” com o leitor ocidental moderno, ao selecionar como personagens atores com o biotipo da raça branca europeia. Mas, curiosamente, em nenhum momento de sua história, Ishiguro determina a que raça os clones pertencem, ou a natureza de suas aparências, o que nos leva a pensar qual seria a reação desse público leitor caso a representação dos personagens coincidissem com outros biotipos humanos. Esses contrapontos contribuem para problematizar contundentemente, no âmbito da narrativa, as justificativas éticas conferidas ao avanço das pesquisas científicas no sentido de prolongar, melhorar e favorecer a vida humana, ao levantar a incômoda questão sobre quem é considerado “humano” no mundo hodierno. E por quê.

Referências

BERGER, John. *Sobre o olhar*. São Paulo: Editora Gustavo Gilli, 2011.

BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CHAMBERS, Tod. *The fiction of bioethics. Cases as literary texts*. New York and London: Routledge, 1999.

CHARON, Rita. *Narrative medicine – honouring the stories of illness*. Oxford and New York: Oxford University Press, 2006.

CLOUGH, Patricia T. (Ed.). *The affective turn. Theorizing the social*. Durham and London: Duke University Press, 2007.

CRUZ, Rafaela Rogério. *Sobre a tensão superficial: Kazuo Ishiguro e a tradição literária da modernidade/colonialidade*. Tese de doutorado. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 2019.

DELEUZE E GUATTARI. *Kafka - por uma literatura menor*. São Paulo: Autêntica, 2014.

DURING, Elie. O que é retrofuturismo? Introdução aos futuros virtuais, in: NOVAES, Adauto (org.). *Mutações. O futuro não é mais o que era*. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2013. p. 209-232.

FRANK, Arthur W. *The wounded storyteller. Body, illness and ethics*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1995.

HAYLES, N. Katherine. *How we became posthuman? Virtual bodies in cybernetics, literature and informatics*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1999.

HUXLEY, Aldous. *Admirável mundo novo*. São Paulo: Biblioteca azul, 2014.

ISHIGURO, Kazuo. *Never let me go*. New York: Vintage International – a Division of Penguin Random House LLC, 2005.

ISHIGURO, Kazuo. *Klara e o sol*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

KAFKA, Franz. *Narrativas do espólio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

LE BRETON, David. *Antropologia do corpo e modernidade*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.

LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.

MORAES, Eliane Robert. *O corpo impossível*. São Paulo: Iluminuras, 2017.

RORTY, Richard. *Contingência, ironia e solidariedade*. São Paulo: Martins, 2007.

SANDERS, Lisa. *Todo paciente tem uma história para contar. Mistérios médicos e a arte do diagnóstico*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Para citar este artigo

FERREIRA, Ermelinda Maria Araújo. A distopia humana de Kazuo Ishiguro. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 13, n. 2, p. 90-100, maio-ago. 2024.

100

Autoria

Ermelinda Maria Araújo Ferreira é formada em Medicina e Letras, professora doutora do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, Pós-doutora em Literatura Comparada pela Universidade Nova de Lisboa, com pesquisa sobre Humanidades Médicas; organizadora, entre outros, dos livros *Narrações da violência biótica* (Recife: Edusp, 2010) e *Literatura e Medicina* (Recife: Edusp, 2012); Líder do Núcleo de Estudos em Literatura e Intersemiose (NELI/CNPq), Editora da *Intersemiose – revista digital*. E-mail: ; ORCID iD: .